

## OS LUGARES DA CULTURA URBANA E DO CATOLICISMO NAS COMUNIDADES DE PERIPERI: ARTE, POLÍTICA E MEMÓRIA DA IGREJA CATÓLICA EM SALVADOR

The places of urban culture and catholicism in the communities of Periperi: art, politics and memory of the Catholic Church in Salvador

Edvaldo Vieira de Souza Junior\*

### RESUMO

O presente artigo aborda o tema da cultura popular como uma proposta da Igreja Católica progressista que, em primeira análise, buscava o desenvolvimento pleno, adequado e harmônico do ser humano, explorando as autonomias que a dimensão cultural possui na vida social como um todo, tendo como referência o processo de resistência das CEBs (comunidades eclesiais de base) em Salvador. Nosso objeto de estudo foram as comunidades de "São João, São José", "São Francisco" e "São Judas Tadeu", modelo de Igreja militante voltada para a problemática social, em oposição a um arquétipo de Igreja carismática, zelosa pela conservação do seu status e arcabouço doutrinário tradicional. Procuramos, através da cultura, investigar a relação entre cultura e arte, religião e política dessas comunidades em uma área conhecida como Periperi entre os bairros de Coutos e Praia Grande no Subúrbio Ferroviário, na Baía de Todos os Santos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Comunidades. Política. Igreja progressista.

### ABSTRACT

This article approaches the theme of popular culture as a proposal of the progressive Catholic Church that in the first analysis sought the full, adequate and harmonious development of the human being, exploring the autonomias that the cultural dimension possesses in the social life as a whole, having as reference the process of resistance of the CEBs (basic ecclesial communities) in Salvador. Our object of study was the communities of "St. John, St. Joseph," "St. Francis" and "St. Jude Thaddeus," a militant Church model focused on social problems, as opposed to an archetype of the charismatic Church, zealous for the its status and traditional doctrinal framework. We seek, through culture, to investigate the relationship between culture and art, religion and politics of these communities in an area known as Periperi between the neighborhoods of Coutos and Praia Grande in Subúrbio Ferroviário, in the Bay of All Saints.

**KEYWORDS:** Culture. Communities. Policy. Progressive Church.

---

\* Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência nas áreas de História/Cultura Brasileira. Nos últimos dois anos vem realizando pesquisas na área de Religião, Movimentos Sociais e Regime de exceção na América Latina. E-mail: [edvaldovieira959@gmail.com](mailto:edvaldovieira959@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

No Romance “Os Velhos Marinheiros”, de 1961,<sup>1</sup> Jorge Amado narra as aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão pelo mundo, doravante a sua chegada em Periperi. Conta-nos Amado que, em um raro começo de tarde infinitamente azul, Periperi era uma pacata vila quando, de um golpe, Moscoso estabeleceu sua reputação e firmou seu conceito de vida. O comandante deixou-se ficar parado, com os braços cruzados sobre o peito, a fitar as águas. Assim imóvel, o rosto contra o sol, a cabeleira ao vento (aquela suave e permanente brisa de Periperi), semelhava um soldado em posição de sentido num desfile, ou, dada sua imponência, um general em bronze numa estátua.

Homem de visão, o escritor apresenta, na obra, os costumes e a cultura da sociedade baiana no momento em que a vida regrada e repetitiva do cotidiano de Periperi se confunde com o mundo aventureiro e de fantasias dos marinheiros. Observando mais de perto o romance, ali, na sossegada Periperi, convivem doutores ilustres, ricos comerciantes, senhoras de respeito, aposentados, funcionários públicos e desocupados.

Logo, na perspectiva de Jorge Amado, essa região, no passado, apareceu olhando para o mar. As áreas localizadas fora da faixa portuária de Salvador eram objeto de menção e cedo passam a ser objeto de posse e uso, sendo consideradas como um local de veraneio. Na realidade, devido a sua proximidade com a Baía de Todos os Santos, o Subúrbio Ferroviário era um contraste com a confusão e agitação da vida na cidade, era um tempo de paz e sossego, no qual os problemas da cidade tornavam-se invisíveis.

No século XIX, aos poucos, a região foi sendo ocupada por famílias endinheiradas que falavam francês dentro de casa e frequentavam os grandes centros mundanos europeus, em oposição à vida nos mocambos, ao trabalho braçal, aos serviços manuais e ao árduo cotidiano da maior parte da população. Por volta dessa época, um olhar sobre o pouco que resta da arquitetura centenária revela que essa localidade representava um refúgio muito agradável para as famílias abastadas de Salvador.

---

<sup>1</sup> A narrativa de *Os velhos marinheiros* foi concluída no Rio de Janeiro, no início de 1961. Originalmente, o texto foi publicado no volume ‘Os velhos marinheiros’, que tinha o romance ‘Os velhos marinheiros’ ou ‘O capitão de longo curso’ junto com a novela ‘A morte’ e ‘A morte de Quincas Berro D’água’. Disponível em: <[www.jorgeamado.com.br/obra.](http://www.jorgeamado.com.br/obra.)>. Acesso em: 12.06.2017.

A gradual mudança da paisagem urbana foi ficando mais acentuada após a instalação na região da Fábrica de Tecidos São Brás. De certo modo, a presença da indústria fez surgir uma área industrial que estabeleceu um lugar de residência para a mão de obra tecelã concomitante ao processo de ocupação e expansão. Assim, quando o processo de industrialização deu início às profundas mudanças na sociedade local, essas áreas foram os principais elementos que se articularam para delinear, a partir da segunda metade do século XX, os bairros hoje existentes. Nesse cenário, a população de classe média, aos poucos, foi sendo substituída pela de baixa renda e as casas mais simples expandiram-se para além do litoral, ocupando os morros e as áreas da mata.

Cumprе salientar que, ao longo dos anos, a ocupação desordenada intensificou as áreas marginalizadas. Por sua vez, as invasões desceram das encostas e baixadas para as margens da Avenida Suburbana. A densidade populacional assustava e desafiava os órgãos públicos, fossem eles tecnicistas ou humanistas. Devido a esse sério problema de moradia, o bairro de Periperi foi contemplado com um projeto de habitação popular pelo Governo Federal, sendo construído o conjunto Eugênio Sales em 1972, que contava com quase trezentas unidades e era uma alternativa para superar as gritantes injustiças sociais.

Conquanto, no bairro, havia áreas ainda mais esquecidas pelo poder público (com suas vielas e becos) que aqui classificamos como área de obsolescência, ou seja, verdadeiros bolsões humanos de vulnerabilidade social. Além disso, eram as mais atingidas pela falta de infraestrutura, paradoxalmente, também eram as que menos assistência recebiam do Município. Assim, com base nessa impermeabilização de fronteiras, os processos de formação de identidades e agendas do bairro forjaram diferenças e valores em relação aos atores religiosos que, simultaneamente, ocuparam a região.

Nesse contexto, desde a década de 1940, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Periperi faz parte desse referencial religioso dos moradores de Periperi. Segundo os habitantes mais antigos, Periperi também se desenvolveu nos espaços deixados atrás da Igreja e esta foi abraçada por esses espaços. De qualquer forma, mesmo com uma grande dificuldade em se comunicar de maneira simples e acessível com os grupos populares, os problemas ocasionados com o crescimento do bairro, no início dos anos 1970, encaminharam à Igreja Católica ao encontro dos dramas que afligiam a população local. Por conseguinte, com a chegada do padre Antônio Oliveira em 1976, abre-se uma

perspectiva de trabalho para uma promoção humana, ou seja, o foco era desenvolver as políticas sociais e culturais voltadas para os excluídos, mais tarde esse empenho possibilitou o surgimento das CEBs, das Associações de Moradores e das Organizações Populares. Tendo em vista essas dimensões, cabe salientar que, neste artigo, a palavra “cultura” será utilizada apenas como um termo descritivo para evitar os componentes constitutivos da cultura popular. Como observou Thompson:

Cultura é um termo emaranhado, que ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 2010, p. 22).

Com isso, busca-se construir uma cultura dos valores da ação e uma ciência dos valores da expressão ou da criação das emoções. Tais considerações permitem dizer que a prática de uma cultura voltada para o popular foi uma proposta da Igreja Católica progressista que, em primeira análise, buscava o desenvolvimento pleno, adequado e harmônico do ser humano, tendo como referência uma noção de cultura que pudesse, por si mesma, compensar as mazelas causadas pela economia. Logo, porém, percebida como inerente à natureza humana e que engloba e informa toda a ação social. Assim, da perspectiva de Geertz, “toda ação humana (e não apenas o hábito ou o costume) é culturalmente informada para fazer sentido num determinado contexto social”. (GEERTZ, *Apud* CARDOSO & VAINFAS, 1997, p. 86).

## 2 SUJEITOS COLETIVOS: A ASSIMILAÇÃO DOS PROBLEMAS E A CULTURA POPULAR

Nesse cenário, no bairro de Periperi, aconteceu uma grande expansão das comunidades com ênfase nas contradições sociais no urbano e no religioso. Sob este pano de fundo, as comunidades de São João, São José, São Francisco e São Judas Tadeu pautaram suas ações na relação que existe entre crescimento econômico e a má distribuição de renda. Nesse contexto, passaram a dialogar sobre os problemas locais e a reivindicar junto às autoridades melhores condições de moradia, infraestrutura, educação, trabalho. Junto com isso, é necessário compreender que as comunidades eclesiais de base

não podem ser entendidas de modo unitário, na base de uma só causa ou de um só princípio social.

Por tudo isso, os leigos que se associam ao projeto CEBs se identificam com outras pessoas que já estão inseridas, criam-se vínculos emocionais, e esse sentimento é entendido como fenômeno coletivo, isto é, com o intuito de aglutinar leigos católicos é preconizado um modo processual de entender a realidade que cercava essas comunidades nas quais a desigualdade estava sempre muito evidente.

Essas áreas, segundo os moradores mais antigos de Periperi, eram chamadas de, “regiões”, ou seja, uma área de transição dentro da própria periferia, onde até a polícia evitava entrar, uma área inútil, com um antigo canal, área obsoleta para o poder público. Na memória de alguns militantes das CEBs, foi com o agravamento da crise econômica e social do final da década de 1970 e os problemas trazidos pelas enchentes que se começou a ouvir da boca do povo o nome mais forte dessas regiões, principalmente em tempos de maré alta. Assim, áreas como a Rua Paraguari, Nova Constituinte <sup>2</sup> e a antiga Rua da Glória receberam construções de palafitas que impediam a passagem das águas do Rio Paraguari em direção ao mar, exatamente por estarem localizadas de maneira desordenada em suas margens.

Os programas sociais patrocinados pela paróquia e agora, em associação com o conselho de moradores de Periperi, procuraram estudar os problemas em sua essência, entendendo que se deve atuar desde cedo na vida da população para que haja uma promoção humana na questão social. Prova disso são as diversas coordenações que se desenvolveram surgidas através do aglomerado de famílias em torno das CEBs, o que comprova o potencial das comunidades que se unem em prol do bem comum. Suas coordenações, em especial a Associação de Mulheres, funcionavam como articuladores atuantes onde o poder público nunca preencheu as lacunas básicas em áreas como saúde e educação.

Projetos, como a Escola Comunitária de Periperi, evidenciam o caráter político das CEBs da região. Fundada em 1980, essa escola recebeu ajuda política e administrativa do padre Reginaldo Veloso, que enviou uma cópia do projeto pedagógico apresentado junto

---

<sup>2</sup> Segundo os antigos moradores o local onde foram construídas essas palafitas recebeu esse nome durante a instalação da Assembleia Nacional Constituinte em 1987.

à Prefeitura de Recife para servir como consulta as CEBs de Periperi. Com efeito, para tentar uma conciliação entre os dois projetos, fez a ligação entre os profissionais que auxiliavam a Arquidiocese de Recife com os professores e animadores das comunidades de Salvador.

Nesse sentido, as maiores beneficiadas foram as crianças que recebiam aulas de reforço e material escolar gratuito conseguido em campanhas junto a comerciantes do bairro. A rigor, como a escola era um equipamento indiscutivelmente importante para a comunidade, a Arquidiocese aceitou essa conquista, mesmo sem ter passado pelo Conselho Pastoral. Além do incentivo ao ensino, a escola atendia da Educação Infantil até a 4<sup>o</sup> série do Ensino Fundamental.

O prédio foi construído pela Prefeitura de Salvador após uma série de abaixo-assinados solicitando investimento na educação do bairro. A escola oferecia atividades como artes plásticas, dança, capoeira e percussão, auxiliando no desenvolvimento lúdico e criativo. Ainda com relação às aulas de percussão, havia uma parceria com o grupo Araketu, fundado nos anos 1980 e que mantinha várias oficinas com atividades artístico-culturais.

O Instituto Educativo e Cultural Araketu-IAK localiza-se em Periperi e busca, desde sua fundação, desenvolver um trabalho comunitário voltado, principalmente, para os moradores da comunidade local. Atualmente, visando ao processo de globalização e buscando formar jovens empreendedores, surgiu o Instituto AraKetú, com base curricular de educação inclusiva, na qual a preservação da memória histórico-cultural do Araketu, identificada com as raízes afro-brasileiras, fonte de estudos e pesquisas, é tido como valor fundamental do instituto.

A partir dessa conquista, a comunidade aproveitou a oportunidade e solicitou junto à Secretaria de Educação do município que a escola fosse administrada pelos moradores com o apoio da Arquidiocese. Na ocasião, segundo o padre Oliveira, foi eleita uma comissão pela Cúria Metropolitana para acompanhar junto à Prefeitura a contratação de professores que fossem da localidade, por terem uma maior consciência da realidade das crianças. A Prefeitura cumpriu a promessa e contratou professores do bairro, mas a diretora foi nomeada pela Secretaria de Educação. A seguir, transcrevemos parte de uma canção de

agradecimento composta pela professora e animadora das CEBs Vanice da Silva Queiroz pela conquista da Escola Comunitária de Periperi:

Na paróquia de N. Sra. da Conceição, muita gente começou a chorar. Onde não havia casa era barraco e escuridão, nasceu o primeiro pendão, faltava escola e lazer, não havia esperança no amanhecer. Desse jeito não dá, a comunidade gritou, ouviu e articulou. Com muita oração, a alegria chegou nossos pequenos agora sabem ler e escrever. A liberdade está aí, é só crer. (QUEIROZ, 1980).

Com relação às ações culturais voltadas para os jovens talentos da área, a escola passou a oferecer aulas de música, misturando o som clássico de instrumentos como violino e violoncelo doados por empresários ao som do berimbau, do agogô e do caxixi, típicos da cultura baiana. Tudo indica que, na escola mantida pelas CEBs, a capoeira, o samba e o candomblé sempre tiveram uma interação muito forte, tornando-se uma referência no estímulo à juventude que encontrava uma forma de enaltecer suas raízes.

Assim, apesar do Araketu ser um grupo musical com raízes no candomblé, o seu Instituto Educativo, que nasceu com o intuito de fortalecer os signos da cultura afrobaiana através da música, não hesitou em colaborar como pôde com o empreendimento das CEBs, justamente por acreditarem na possibilidade da arte e da educação alterar uma ordem vigente. Seja como for, com o sucesso do grupo e as viagens internacionais, muitos jovens da comunidade foram convidados a acompanhar a banda por países da Europa, América Latina e Estados Unidos, levando a música que se produzia na Bahia, como, por exemplo, o sucesso Piripiri, composição de Paulo Diniz e Odibar, presente no disco “Quero Voltar pra Bahia”.

Cana de canavial dá licença de chegar. Eu vim de Piri Piri. Eu vim de Piri Piri. Vim pra ver como é que é o amor que existe aqui. Será que é como é amor de Piri Piri? Lá, não há distinção de cor. Lá, cada amigo é um irmão. Lá, galo canta é madrugada caminhante faz parada se apaixona pelo ar. Lá, vagalume enfeita as noites de amor. Lá, violeiro faz cantiga ao luar. Lá, sussurrando pela estrada ficou minha namorada. Uma lágrima a rolar.<sup>3</sup>

No auge desse trabalho, eram quase trezentas crianças assistidas. Mais tarde, com a construção da sede do Araketu, localizada na Rua Pedro Gordilho dos Reis, ao lado da

---

<sup>3</sup> A música foi gravada em homenagem a cidade de Piripiri localizada no Estado do Piauí. Na Bahia, devido à grafia quase idêntica dos nomes, ganhou o ritmo do axé pelo grupo Araketu.

ferrovia, foram abertas novas turmas de teatro, serigrafia e artesanato. Ao mesmo tempo, houve um esvaziamento da Escola Comunitária de Periperi em razão do sucesso do grupo Araketu pelo mundo. Por esses caminhos, o Araketu passou a ofertar o sonho de uma vida digna através da arte. De qualquer forma, esse projeto das CEBs com outros agentes culturais ainda está muito presente na memória da professora Vanice Queiroz:

Em um lugar assim, ensinar e aprender sempre foi um desafio, nada era fácil. Em meio a tão pouca estrutura, nós professores buscávamos o conhecimento para transformá-lo em bem estar social. Logo no começo da escola era tanta criança que tinha até fila de espera, depois só queriam dançar e cantar no Araketu. Mesmo assim, a Igreja nunca deixou de trabalhar, a gente absorvia o necessário para conhecer e crescer lado a lado com os pobres, não importava a quantidade. (QUEIROZ, 11 de abril de 2014).

Nesse sentido, arte e cultura são outros dois pilares das ações das comunidades que visavam a democratizar seus acessos. Na música, foi organizado um coral que envolvia, praticamente, todas as CEBs do Subúrbio. Havia a seleção e reunião de talentos que encontravam na voz sua maior expressividade. A participação desses grupos no coral foi reconhecida pelas apresentações em praças públicas, principalmente na Praça da Revolução, durante todo o mês de dezembro, levando ao grande público composições eruditas e populares. Apesar disso, o então chamado “Natal de Luz do Subúrbio”, como ficaram conhecidas as apresentações do ciclo natalino das CEBs, se mantém até hoje nas comunidades que ainda resistem em meio a narrativas de desencantos.

O estímulo à arte dramática, através do teatro, tem seu expoente nas CEBs com o projeto Saltimbanco. Abrigado em uma sala do conselho de moradores e, por vezes, no salão paroquial da Igreja, o projeto pluralizava a linguagem e o público, sempre estimulando as pessoas a frequentar o teatro com o objetivo de levar o Evangelho e a mensagem cristã mais próxima do povo. O Saltimbanco retratava, sobretudo, a dura realidade da comunidade, suas peças eram escritas pelos membros das CEBs e direcionadas, fundamentalmente, para uma reflexão política, fomentando novas ideias, novas aspirações, de modo a disputar o espaço político de forma organizada.



### 3 O ABISMO DA COR: A LUTA CONTRA O RACISMO

Complementando seu trabalho social, a Igreja de N. Sra. da Conceição começou a atacar um problema de difícil solução: o racismo. Sobretudo porque, apesar do medo, havia várias denúncias de violência policial na periferia. Nesse contexto, a luta contra o racismo assumiu formas diversas, quanto mais escura a pele, mais limites e discriminações. Não por acaso, a questão do racismo e da discriminação de negros e mestiços despontou como aspiração popular.

Esses problemas ficaram mais claros quando o Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1974 em pleno regime civil-militar, do primeiro Bloco Afro do Brasil – Ilê Aiyê,<sup>4</sup> começou a questionar, após a sua estreia no carnaval de Salvador, o porquê da população negra apresentar os piores índices no que diz respeito ao acesso à saúde, à educação ao trabalho e à renda (CARDOSO, 2005, p. 56). Esse conjunto de fatores levava

[...] moradores em sua esmagadora maioria a viverem de biscates, e muitas crianças desde cedo eram levadas a participar do orçamento doméstico, participando na formação da renda da família, ora catando/reciclando lixos, ora realizando vendas de produtos, dos quais o marisco, peixes obtidos no local onde residiam ou até mendigando em outros locais. Além de tudo isso, tinham que enfrentar também o preconceito racial/social construído contra os moradores do local, o que trazia dificuldades no enfrentamento da luta diária e danos irreparáveis, sobremaneira os psicológicos (FONSECA, 2008, p. 3).

Não obstante, o programa de intervenção social da Instituição contra o racismo, incluía visitas às famílias vítimas de preconceito racial, trabalho, que passava diretamente pelos grupos de CEBs, e a sua enorme disposição e dignidade de erguer a mão, a cabeça e não ficar mais calado. Nesses encontros, as pessoas relatavam histórias cotidianas de discriminação que não chamavam a atenção da mídia. Salvador era então lembrada como uma cidade cruel e ingrata com os seus filhos negros, um prelúdio assombroso, retrato de uma união possível e necessária contra a perda de gerações de homens negros da periferia.

---

<sup>4</sup> Fundado em 1974 por jovens negros oriundos do maior bairro negro da Bahia – a Liberdade - o Ilê Aiyê inaugura um novo modo de produção da subjetividade negra em Salvador. Motivados para responder à exclusão do negro no carnaval de Salvador, surge inicialmente como uma alternativa de garantia da prática do lazer para a juventude negra, se constituindo num bloco só para negros retintos. (CARDOSO, 2005, p. 56).

Nesse sentido, com a disposição da Arquidiocese, as CEBs conseguiram que, a cada quinze dias, um advogado prestasse informações sobre direito civil à comunidade. O público-alvo eram pessoas que se encontravam em condições desfavoráveis, seja por restrição física, situação financeira vulnerável ou, simplesmente, para se queixar da seletividade racial por parte do Estado. Vejamos o relato da moradora Lucivânia Costa registrado em uma ata da reunião da comunidade de São Judas Tadeu com o advogado de nome Paulo Assunção, representante da Arquidiocese (1981): “Eu ouvi quando o policial disse pro outro que a minha casa foi invadida e revirada porque meu marido era de cor”. (COSTA, 1981).

Em outras palavras, a Polícia, como representante do Estado, condenava e segregava a população negra de Periperi através do viés psicológico, econômico e cultural e não respondia criminalmente por isso. A propósito, os advogados não recebiam nenhuma remuneração pelo serviço prestado, em sua maioria eram leigos católicos que atenderam ao chamado do Arcebispo de Salvador Dom Avelar Brandão Vilela (1971 a 1986) <sup>5</sup> para um trabalho voluntário. Na prática, esse esteio patrocinado pelo Arcebispo era o reconhecimento de que a discussão sobre o racismo não poderia ser vista apenas do ponto de vista econômico. Assim, confirmando o que foi relatado pelas CEBs, verifica-se, nos jornais da época, que uma das maiores preocupações das comunidades pobres do Subúrbio Ferroviário era a luta contra os elevados índices da violência praticada contra os negros. As mulheres, em sua grande maioria, procuravam os advogados para denunciar a existência de grupos de extermínio e o assassinato de seus filhos negros pela polícia baiana. Sem dúvida, o alvo principal dessa política genocida eram os jovens negros, na leitura desses documentos, percebe-se uma memória coletiva de sofrimento e também da resistência que vem desde o tempo da escravidão.

Portanto, a composição da memória de um indivíduo é um ajuste das memórias dos diversos grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na comunidade, na política, em um grupo de amigos ou no local de trabalho. Para Halbwachs, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que permite a reconstituição do passado de forma que haja particularidades nas lembranças de

---

<sup>5</sup> Dom Avelar Brandão Vilela chegou a Salvador em 1971, vindo de Teresina, inicialmente como Arcebispo e, dois anos mais tarde, como Cardeal eleito pelo Papa Paulo VI, ficando na capital baiana até o ano de sua morte, em 1986, seu lema episcopal era (*De plenitudine Christi*) da plenitude de Cristo.

cada um” (HALBWACHS, 2006, p. 42). Dessa maneira, a mulher que gera, que cuida, é a mesma que sofre. Ela é, ao mesmo tempo, acúmulo desse conhecimento e linha de transmissão histórica.

No entanto, o genocídio escancarado desfilava sob olhares assombrados, o medo de viver na periferia do Subúrbio Ferroviário era constante, pois o racismo estava também na mídia através da criminalização dos moradores da periferia. Diante disso, no início da década de 1980, foi publicado um boletim Arquidiocesano em apoio à luta das comunidades contra o racismo. Finalmente, a Cúria Metropolitana lembrava que “Já disseram que aqui em Salvador havia uma democracia racial, mas o que vemos é uma política de extermínio e de criminalização de negros, as CEBs carregam o compromisso da reação contra esse sistema” (BOLETIM MENSAGEM DO PASTOR, 1981, p. 2).

#### 4 POLÍTICA E CULTURA: COMO FORMAR UM CIDADÃO

Em 1985, durante os debates sobre a convocação da Assembleia Constituinte, as CEBs, enquanto movimento social, apresentavam ao povo através da cultura a importância do voto nas próximas eleições legislativas federais. Desde logo, vários seminários foram realizados com o tema “Constituinte com Participação Popular” pelas CEBs em parceria com a Associação Católica Operária (ACO). O grupo de teatro Saltimbanco desenvolveu várias esquetes com o programa básico dos seminários que procurava orientar e responder a perguntas como: O que a Constituição vai trazer de benefícios para o trabalhador, para o desempregado? Como o povo vai poder participar? Como conquistar espaço e dizer o que estamos precisando? Além disso, era preciso discutir e preparar propostas concretas para a nova Constituição. Essas propostas do meio popular e operário seriam levadas pelos movimentos sociais para o Senado e a Câmara Federal.

Entretanto, antes era preciso eleger um bom número de representantes para a Constituinte e mobilizar um forte apoio das bases para aprovação delas. Aliás, segundo Luiza Silva, militante das CEBs, o método ver, julgar e agir <sup>6</sup> associava o trabalho de evangelização com o estudo político, o que, na sua análise, rendeu admirável fruto, pois,

---

<sup>6</sup> Técnica de Evangelização, originalmente conhecida como técnica de “revisão da vida”, surge primeiro na Bélgica com os militantes de um grupo chamado “Ação Católica Especializada”. Trata-se também de um planejamento pastoral.

com essa dinâmica, era possível empregar quatro diferentes vetores: o econômico, o social, o político e o ideológico. Destarte, o método apenas parecia complicado, mas, na realidade, era só começar que as respostas chegavam, conforme seu depoimento no boletim da Associação Católica Operária:

Nós nos dividimos em grupos de 4 ou 5 e começamos a estudar em cada grupo um roteiro diferente: saúde ou moradia, transporte, comunicação, educação, escola ou trabalho... e começamos a ver a realidade, as necessidades do povo, as aspirações do povo em relação ao país. O resultado do ver em grupo foi escrito ou desenhado em cartazes e apresentado para todos, em plenário, ali cada um podia completar o que faltava (BOLETIM NACIONAL DA ACO, 1985, p.17).

No entanto, outro instrumento utilizado para esse tipo de trabalho foi a confecção de cartilhas sob a supervisão do padre Antônio Oliveira e de alguns leigos. Esses textos eram, em sua maioria, cópias do material político que chegava do Recife. Aqui, esse material recebia adendos com o noticiário local. Havia um cuidado especial para que a linguagem utilizada fosse bem acessível, geralmente também eram anexadas imagens sobre o assunto em questão para facilitar a compreensão da população mais humilde.

Assim, ao lado de outras atividades como os muito difundidos círculos bíblicos, quando a comunidade se reunia usando a Bíblia para refletir sobre as coisas da vida: (sua situação, seus problemas, suas conquistas), essas compilações foram muito úteis às CEBs, principalmente porque se transformam em um importante trabalho de educação política. Seja como for, a Cartilha “O que há por traz da política” alertava o povo sobre parlamentares, deputados e senadores não cristãos que, embora eleitos pelo povo, não estavam comprometidos com as causas da maioria da população.

Eleitos estes Deputados e Senadores em sua maioria são grandes proprietários de terras, industriais, comerciantes, banqueiros ou tiveram suas campanhas eleitorais financiadas por banqueiros, fazendeiros, industriais e comerciantes. Ao chegarem ao Congresso criaram leis beneficiando o poder econômico e prejudicando aqueles que os elegeram (CARTILHA, 1985, p. 12).

Nesse caso, os problemas não são de casos de moral extraídos de livros, mas acontecimentos reais, que saltam da vida, pois é preciso desenvolver a base, que é a parte de uma sociedade que se encontra privada dos direitos de ter e saber, para que o sujeito possa ser, no dizer de Aristóteles, “um animal político” (BERTI, 2011) que, como tal, insere-

se no reivindicatório, ou seja, entende-se como parte integrante da *polis*, não se submetendo ao silêncio, mas sendo um partícipe do microcosmo em que está inserto. Busca-se estimular e difundir a formação política que pudesse contribuir para o desenvolvimento urbano, sem contudo negligenciar-se a formação de uma cultura religiosa de caráter progressista. Não obstante os problemas verificados, é importante ressaltar a explicitação, pelas reformas verificadas pelo Vaticano II<sup>7</sup>, gestadas ao longo das décadas de 1960 e 1970 pela práxis militante de seus leigos e leigas, clérigos e religiosos/as, daquele grupo que convencionamos chamar de Esquerda católica.

É, nessa luta, que repousa a transformação carnavalesca que propõe Bakhtin e que permeia as CEBs. Elas passam a possuir um discurso de reversão, pois o filósofo apropria-se de um carnaval essencialmente dialógico, mostrando duas vidas separadas temporalmente: uma oficial, monoliticamente séria, submetida a uma ordem rígida, cheia de dogmatismo; a outra, da praça, da reivindicação, da profanação daquilo tido como sacro.

Essa forma de “rebeldia” das CEBs mantém um íntimo contato com o “riso” na percepção bakhtiniana, pois, segundo esse teórico russo, o riso, no espetáculo de Momo, leva a uma explosão de liberdade, que não admite nenhum dogma, nenhum autoritarismo. Bakhtin (1999) pontifica que o carnaval é uma festa em que se bebe e se come, pois tem uma força regeneradora, porque permite admirar outro mundo possível, um universo em que residam a abundância, a liberdade, a igualdade. É a esfera da liberdade utópica, em que uma cosmovisão alternativa se mostra. Como ele afirma,

O riso carnavalesco também está dirigido ao supremo, para a mudança dos poderes e verdades, para a mudança da ordem. O riso abrange os dois polos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à própria crise. No ato do riso carnavalesco, combinam-se a morte e o renascimento, a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo). É um riso profundamente universal e assentado numa concepção do mundo (BAKHTIN, 2008, p. 144-145).

---

<sup>7</sup> O Concílio Vaticano II (1962 a 1965) imprimiu à Igreja Católica um movimento de renovação que a lançou, de maneira profética, numa vastíssima obra de renovação interna, abrindo-a, ao mesmo tempo, ao diálogo com os cristãos não-católicos, e a uma nova dimensão da sua missão.

## 5 HÓSTIA OU ACARAJÉ: A CULTURA NEGRA E O RITO AO AVESSO

A Igreja, corpo de Cristo e sociedade, é simultaneamente divina e humana, universal em sua missão evangelizadora. Em sua ação terrena, ela procura unir os direitos de Deus, do homem e da sociedade, compatibilizando a autoridade e a liberdade. Veremos, a propósito, que a partir dos anos 1970, e principalmente nos 1980, em sua área pastoral Dom Avelar fez questão de alertar as CEBs sobre tais questões e que, mesmo estando em sintonia com as recomendações de Medellín (1968) e Puebla (1979), era contra radicalismos.

Isso posto, em dezembro de 1983, uma Missa organizada pelas CEBs de Periperi, Plataforma, Alto do Cabrito e Lobato, em conjunto com o Movimento Negro Unificado, a ser realizada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Periperi, esclareceu como Dom Avelar enxergava o conceito de liberdade proclamado pelas CEBs em sua Arquidiocese. A ação em questão refere-se à organização da Missa dos Quilombos, em homenagem ao líder negro Zumbi dos Palmares pela ocasião das comemorações do dia Nacional da Consciência Negra.

Do ponto de vista institucional, esse conflito revelou fraturas e tensões internas. A riqueza do episódio está na possibilidade de decodificação dos símbolos que se entrecruzam e nas atitudes tomadas por Dom Avelar em repúdio a essa Missa. Mas, por que uma Missa foi motivo de tanta preocupação para Dom Avelar? Já que o rito de toda celebração consiste em desenvolver, na comunidade, de maneira simbólica ou realista, o ciclo vida-morte, ou seja, valorizar os sacramentos cristãos que, na verdade, são ritos de passagem. Por que o Arcebispo não queria o evento em sua Arquidiocese, já que a liturgia é a maior manifestação da Igreja?

Em sua visão histórica, além do Marxismo, é possível dizer que essas comunidades preocupavam muito Dom Avelar, pois não possuíam vínculo formal com a Igreja e funcionavam paralelamente às paróquias, com direção e atividade próprias. De certo modo, as CEBs acabaram forçando a Arquidiocese para uma posição de rejeição do formalismo do seu discurso, pois justificavam, teologicamente, a sua existência na doutrina “do Povo de Deus”, conforme parâmetros do próprio Concílio Vaticano II.

Em contrapartida, para os leigos das comunidades eclesiais de base de Periperi, a mensagem de Dom Avelar era evidente: a dosagem maior ou menor da aplicação dessas recomendações e a metodologia a ser empregada em sua Arquidiocese era de sua exclusividade. Tal fato pode significar que o conflito entre esses dois pontos de vistas existia muito mais entre Dom Avelar e aqueles que pretendiam controlar as comunidades. Em síntese, para o Arcebispo um “ok” direcionado às CEBs não poderia ser compreendido como um “para sempre”, ou seja, em função dos seus objetivos também ideológicos a vigilância deveria ser permanente em seus efeitos.

Na sequência dessa análise, Dom Avelar exige que seus pastores tenham um maior compromisso com a Igreja Universal e passem a controlar mais de perto as ações das comunidades de base, tendo o cuidado de fixar bem os pontos-chave. Essa orientação deveria ser feita de forma direta, ou seja, com anteparos que limitassem o campo de atuação política, para que essas comunidades concentrassem a sua atuação no campo religioso. Era a imposição de uma cultura de proteção à tradição da Igreja.

Ainda sobre a compreensão e interpretação da Missa dos Quilombos, sabe-se que esse evento era muito similar ao que havia ocorrido na Praça do Carmo, no Recife,<sup>8</sup> dois anos antes, pelas mãos de Dom Helder Camara em homenagem ao 286º aniversário do martírio de Zumbi. Na época, essa mesma Missa sofreu muitas críticas da ala conservadora da CNBB, que conseguiu através de Roma, proibir qualquer celebração de igual teor e forma, justamente, porque desfigurava alguns ritos consagrados da Missa tradicional e, a partir de mudanças abruptas, aproximava rituais de matizes africanas do Candomblé aos ensinamentos tradicionais da liturgia.

No Recife, a Missa contou com a participação do Arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, um dos poucos bispos negros do Brasil. O compositor Milton Nascimento apresentou a parte musical da cerimônia, da qual ele é autor. Também participaram do evento os bispos Marcelo Carvalheira de Guarabira (PB), Dom Luís Fernandes de Campina Grande, Dom Pedro Casaldáliga (PB) e o anfitrião Dom Helder Camara. No caso de Salvador, a celebração foi planejada, a princípio, à revelia da Arquidiocese, com a participação de padres, religiosos, lideranças culturais do movimento negro e integrantes das

---

<sup>8</sup> No Recife a Missa foi realizada na praça do Carmo, local onde foi espetada a cabeça do negro Zumbi em 1695. A missa foi assistida por cerca de oito mil pessoas e celebrada pelo Arcebispo negro Dom José Maria Pires.

comunidades. Durante a preparação da Missa, vários textos da liturgia original foram modificados para refletirem a luta contra o racismo e atender às especificidades da cultura local. Outro fato singular da celebração que incomodou muito a Dom Avelar foi a proposta da troca da hóstia pelo acarajé como representante do Corpo de Cristo durante a comunhão. Isso deveria ocorrer para adaptar à liturgia à cultura negra. Segundo o coreógrafo Inácio de Deus responsável pela parte cênica da celebração, “a comunhão é comer junto, compartilhar, não é preciso que se tenha uma hóstia em mão” (JORNAL DA BAHIA, 1983, p.12).

Além disso, a Missa seria concelebrada pelo conhecido animador das CEBs padre Antônio Oliveira e pelo padre suíço Gaspar Kuster, que estava no Brasil desde 1968, ambos ligados à Teologia da Libertação, sendo que o padre Gaspar era conhecido pelo seu trabalho junto à educadora Vera Lazzaroto, quando, em 1978, fundaram a “Escola Popular Novos Alagados”, responsável pela alfabetização das crianças e jovens da comunidade. Do ponto de vista da concepção tradicional da Missa, os procedimentos adotados fugiram da operacionalização apoiada na eucaristia como um rito, isto é, um sacramento reduzido ao culto e que, por sua vez, objetivava alimentar o caminho da libertação.

Diríamos mais: a Missa teve como caráter essencial a recuperação da eucaristia como a última fronteira entre a Igreja tradicional e os leigos, era a tentativa de um mistério mais coletivo e popular. Ora, é exatamente isso que, à época, animava parte da Igreja na América Latina: a possibilidade de promover experiências transformadoras em conjunto. Por outro lado, se é, através da missa, que a Instituição se expressa e mostra ser ela a portadora de uma eclesiologia que vai de encontro à pobreza, o que as CEBs propunham era uma experiência nova, com destaque para a ideia de diversidade e a urgência do diálogo com os movimentos populares.

Sobre a questão da troca da hóstia pelo acarajé, a Missa só foi realizada mediante promessa dos organizadores do evento de que, igualmente ao Recife, haveria a comunhão tradicional, como mandava os ditames da Instituição e as iguarias estariam presentes no ofertório apenas como uma representação da cultura negra em Salvador. Sendo assim, o ato religioso não deixou de enfatizar a identidade cultural do negro e as relações raciais no Brasil. Coerente com essa ideia, a missa tinha a seguinte estrofe:



Seremos Zumbis, construtores dos novos Quilombos queridos. Nos muros remidos da nossa cidade, nos campos, por fim repartidos, na Igreja do Rei, de novo do povo, seremos a lei da nova Irmandade. Iremos vestidos das palmas da vida. Teremos a cor da igualdade. Seremos a exata medida da humana feliz dignidade. Berimbaus da páscoa marcarão o pé, o pé quilombola do novo toré. Pela terra inteira juntos dançaremos nossa capoeira. Seremos bandeira, seremos foliões. no novo Israel plantaremos as tendas dos filhos do santo. Os prantos, os gritos, unidos num canto de irmãos corações, na luta e na festa do ano inteiro (CASALDÁLIGA; TIERRA, 1982).

Diante disso, ao analisar a visão cultural referente ao evento da Missa dos Quilombos, verifica-se que a Missa dos Quilombos representava um pedido de perdão que a Igreja Católica ofertava aos negros do Brasil. Segundo Explicou Dom Helder, “A Igreja agora está preocupada com os pecados cometidos contra minorias como os negros, índios e mulheres” (JORNAL A TARDE, 1981, p. 21).

Seja como for, as CEBs de Periperi funcionavam como um instrumento de mobilização e organização popular em nível local, e de lugar de encontro para a reflexão em torno dos problemas comunitários. Assim, esses problemas constituíam-se um ponto de partida para o exercício da cultura popular e da religiosidade popular. Logo, bandeiras como: o princípio da liberdade responsável, que se materializa na segurança do cidadão, sob a lei, o gozar dos direitos e garantias individuais, que são uma conquista de nossa civilização, a liberdade de associação para fins lícitos e pacíficos, faziam com que as CEBs fossem consideradas como uma revolução eclesiológica relevante.

Essa avaliação parece indicar que, na metade dos anos de 1980, do ponto de vista cultural, o trabalho era efervescente, as comunidades já se haviam estruturado na região, passado por várias etapas de crescimento, inclusive participando do processo de abertura política e da reforma partidária, porém, umas tinham um ritmo mais lento de desenvolvimento político que outras. Desse modo, já estavam criadas as condições para que as CEBs manifestassem suas ideias e suas aspirações em relação às afinidades políticas que estivessem diretamente ligadas às suas necessidades concretas.

Porém, aonde tudo isso chegou? Se analisarmos a História da Igreja como uma trama que se urde nas mais variadas condições do seu discurso, em Salvador e, por que não no Brasil? “Ihe impondo interina outra linguagem” (MELO NETO, 1999, p. 350) a cultura popular apenas se apegava à ordem do sagrado, com a necessidade constante de oferecer

ao povo o que sempre desejaram: uma vida melhor. Se não for isso, a Igreja nada mais é do que um “Rio sem Discurso”.

### Rio Sem Discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez o discursório de água que ele fazia; a água se quebra em pedaços, poços de água, em água paralítica. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque se cortou a sintaxe desse rio o fio de água por que ele discorria (MELO NETO, 1999, p. 350-351).

## 6 CONCLUSÃO

Ao longo desse artigo, procuramos discutir as experiências culturais, políticas e religiosas das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) em Salvador. Focalizamos uma área conhecida como Periperi entre os bairros de Coutos e Praia Grande no Subúrbio Ferroviário, na Baía de Todos os Santos. Nesse sentido, ao estabelecer correlações entre o cultural, o religioso e o político, verificamos que um dos traços característicos das CEBs foi o seu envolvimento no espaço social ocorrido desde o início da década de 1960 com a difusão das pastorais sociais, devido ao terreno fértil, ou seja, à articulação do clero e bispos na promoção da integridade do ser humano nos meios sóciopolíticos-econômicos. Nesse sentido, nosso objetivo foi trazer para o debate as perspectivas e as experiências dessas comunidades em Salvador.

Entrementes, nas CEBs a cultura popular readquire a capacidade do poder do descobrimento, da volição e da compreensão. Compreender isso equivale, pois, a pensar uma cultura que negue a felicidade do homem pensada em termos de eficácia técnica e consumo, das forças externas que tudo controlam e dominam, o que por si só demonstra uma verdadeira ruptura, ponto crítico da educação moderna.

Observamos que as comunidades de base estimulavam seus membros a participarem das lutas sociais lado a lado com outras pessoas e tornam-se porta-vozes das reivindicações populares e contribuem para sua organização coletiva. O método trabalhado nas CEBs é uma versão do processo usado por grupos de Ação Católica: ver, julgar, agir. Ver a realidade criticamente, julgar através da partilha e agir nos problemas

com ações concretas. Nas CEBs, temas como qualidade de vida e a defesa de grupos socialmente desfavorecidos ganham espaço, e ocorre um alargamento dos conceitos de política, cidadania e cultura. Ora, só a experiência é capaz de corrigir e de abrir novos caminhos, as CEBs são um produto histórico nascido da própria escola da prática política e religiosa.

Por outro lado, no âmbito deste artigo pretendeu-se entender a originalidade dessas CEBs considerando um importante princípio: a presença de uma tensão no campo de debates acerca da articulação entre fé e justiça social, evangelização e libertação e cultura e política no interior de uma comunidade eclesial de base. E, à guisa de conclusão desse artigo, essa tensão não foi suficientemente forte para interditar nossa proposta de investigação, mas, pelo contrário, reforça-lhe seu potencial criativo.

Observando em perspectiva, as CEBs apostavam em uma sociedade capaz de alterar seus comportamentos em prol da justiça social, e na Igreja Católica capaz de contribuir com mudanças estruturais profundas, colocando à Instituição com a missão de expressar a sensibilidade dos problemas sociais e mais sensibilidade pelos pobres. Todavia, o *locus* por excelência das comunidades tinha como elemento central a resolução de problemas sociais ressaltando o relacionamento com os poderes públicos e com a diversidade do pensamento episcopal.

Desse modo, as lições extraídas das mais diversas vertentes intelectuais que então formavam a Igreja, eram uma soma dos contrários que convergiam e podiam conciliar-se nas características que atribuíam à consciência e à personalidade da mesma. Assim, as comunidades estavam sempre no limite das suas possibilidades. Cada passo se somava a outro, dado no momento anterior. Cada evento, era uma nova etapa desse enredo, de encruzilhadas e escolhas, mas, sobretudo procuraram reconstituir lutas políticas e os interesses dos atores coletivos.

Nesse meio tempo, as questões relacionadas com cultura desenvolvidas nas escolas ligadas as CEBs, isto é, as várias atividades não especificamente eclesiais comprovadas por inúmeras atas de reuniões analisadas e pela intensa migração de grupos de uma área para outra, torna-se um meio em si no processo de transformação cultural, representados pelos núcleos de cultura popular com equipes de agentes pastorais em consonância com grupos ativos da Igreja e comprometidos com uma formação humana. Assim, no meio da difícil

situação econômica, o já citado método de evangelização ver, julgar e agir conseguiu bons resultados no tocante ao estabelecimento de laços de coesão entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto. Sobretudo, devido à repercussão dos projetos de cultura popular.

Cabe, nesse sentido, considerar que a chamada ala progressista da Igreja, em confluência com os movimentos sociais, passa a cumprir o papel de uma Igreja mais independente ligada às camadas populares, indagando sobre situações através da linguagem popular do teatro, da música, da dança etc. Em tal clima de renovação acha-se inclusa uma forte ênfase no universo cultural dos grupos populares em questão. Assim, para o jesuíta italiano Cláudio Perani, a cultura popular dentro das CEBs:

redescobre permanentemente o saber do povo, a Cultura Popular, em suas potencialidades e em suas ambiguidades. Recupera o tradicional, não no sentido de atrasado, mas no sentido de sabedoria. São citados os casos de medicina popular e das artes populares, tentando superar a dicotomia artificial entre erudito e popular (PERANI, 2009, p. 163).

Em síntese, as comunidades aglutinam e unem pontos locais, (re) aproximam participantes que possuem relações mais próximas. Assim, formam-se pequenos grupos locais em uma dimensão religiosa e unidas por um sentimento de pertencimento dos membros que ali se ligam seja pelo bairro, pela escola, por um grupo que assumem visibilidade em uma paróquia. Ademais, um grupo de CEBs em busca de pertencimento é mais condescendente em ações do que em palavras.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Os velhos marinheiros ou O capitão-de-logo-curso*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 21.

ARQUIDIOCESE DE SALVADOR. *Boletim Mensagem do Pastor*. O Racismo envergonha o Senhor, 13.mai.1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERTI, Enrico. *Novos Estudos Aristotélicos I – Epistemologia, Lógica e Dialética*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 73.

BOLETIM NACIONAL DA ACO. Ano VI, nº 13, São Paulo, 1985.

CAMARA, Dom Helder. A Missa dos Quilombos. *Jornal a Tarde*. Salvador, 23 nov. 1981.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARDOSO, Nádia. *Instituto Steve Biko: Juventude Negra Mobilizando-se por Políticas de Afirmção dos Negros no Ensino Superior*. 2005. 246f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Instituto Steve Biko UNEB, Universidade Estadual da Bahia, 2005.

CARTILHA CEBs de São João: O que há por traz da política, 1985.

CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro. *Missa dos Quilombos*. Música: Milton Nascimento, Disco *long play: Philips*, São Paulo, 1982.

COSTA, Lucivânia. *CEBs São Judas Tadeu*. Ata da reunião sobre o Racismo, 09 de nov. 1981.

DEUS, Inácio de. *Comunhão e Fé*. *Jornal da Bahia*, 18 de Nov. de 1983.

DINIZ, Paulo; SILVA, Odibar. *Piripiri*. In DINIZ, Paulo. *Quero voltar pra Bahia*. Rio de Janeiro: Odeon, 1970. Faixa 1. Disco de Vinil.

FONSECA, Adenilson da Silva. *A pessoa negra e a violência urbana no Jornal A TARDE na Salvador/BA entre 1976-1980*. p. 3. Disponível em: <[http://www.anpuhpb.org./anais\\_xiii\\_eeph/textos](http://www.anpuhpb.org./anais_xiii_eeph/textos)> 2008. Acesso em: 12 set.2015.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PERANI, Claudio. Notas sobre educação popular. *Caderno do CEAS*. Salvador: Centro de Estudos e Ação social, n. 233, jan./jun. 2009.

QUEIROZ, Vanice. A conquista da Educação. *Folheto Popular*, 1980.

QUEIROZ, Vanice. Escola comunitária de Periperi. Associação dos moradores de Periperi. Salvador, 11 de Abril de 2014. *Entrevista a Edvaldo Junior*.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.